

PERSONAGENS FEMININAS NAS VOZES MASCULINAS; O CASAMENTO NOS ROMANCES DE COSTUMES DO SÉCULO XIX

ENI DE MESQUITA SAMARA (USP)
ELIANE CRISTINA LOPES (USP/CNPQ)

No resgate da memória feminina, as falas sobre o "silêncio dos arquivos", os "segredos dos sótãos", as "leituras das entrelinhas dos documentos", vão aos poucos compondo as análises sobre a vida e o universo das mulheres no passado.¹

Neste sentido, a recuperação da História, da participação política, dos espaços e papéis das mulheres foi um exercício a que se dedicaram inúmeros pesquisadores. Saindo das "salas de visita", vasculhando os arquivos, o objetivo foi sempre o de documentar, ou de comprovar que é possível fazer a História das Mulheres sob múltiplas facetas. Por isso, os contornos são vários e é quase impossível analisá-los em seu conjunto completo.

O inusitado utilizar de várias fontes para o estudo da História, ocorrido na segunda metade do século XX, permitiu à História Social abrir-se para novos campos. Assim, Arqueologia, Teologia, Antropologia, Filosofia, Arte, Ecologia, Linguística, Direito, Medicina e também a Literatura transformaram-se em apoios para o pesquisador estruturar sua análise.²

Um repasse pela historiografia nos últimos 20 anos, mostra, entretanto, que a literatura ainda foi pouco utilizada pelo historiador, no processo de reconstrução das

várias possibilidades do real, principalmente do mundo das mulheres.^{3,4}

Sevcenko, um dos pioneiros, no Brasil, no uso da literatura como fonte histórica, volta-se para o cotidiano do Rio de Janeiro, no início do século XX, mostrando o uso dessa fonte como refúgio e realização dos oprimidos sociais. Assim, "mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos".⁵

Nesse sentido, os "vencidos" no discurso histórico — mulher, criança, escravos e negros —, encontram na fala literária espaço, abrindo novos caminhos para o estudo da História Social.

A busca de uma objetividade concreta e única surge, no contexto das Ciências Sociais, como "ilusão inalcançável". A realidade, como fruto da concepção cultural, não existe "senão numa multiplicidade de concepções..., sujeitas a variáveis de tipo histórico e individual".⁶

Como veículo de transmissão do cotidiano, das permanências culturais e das idéias e ideologias de uma época, a literatura exerce influência significativa nas sociedades.⁷

Sua utilização como fonte, compele-nos a elaborar uma nova concepção de História, ampliando seu objeto de estudo, tanto quantitativa como qualitativamente.⁸

No início dos anos 70, esse viés surge em trabalhos sobre a América Latina, preocupados com uma problematização mais profunda da questão feminina.

Um bom exemplo, é a coletânea, **Female and Male in Latin America** — Essays, editada por A. Pescatello, que tem por objetivo fundamental o exame dos papéis e atitudes em relação à mulher e o conflito entre imagem e realidade.⁹

Na parte I, **Images and realities of female life**, são construídos os arquétipos literários a partir dos romances e das revistas. J.S. RAQUETTE, C.B. FLORA e a própria

organizadora se alternam na prática e no uso da literatura como fonte histórica. Nesse conjunto, o ensaio de Pesca-
tello sobre "The Brasileira: images and realities in
writings of Machado de Assis and Jorge Amado", focaliza
questões teóricas de grande importância. O pressuposto é
que toda literatura fornece símbolos, estereótipos, arquê-
tipos e papéis que são extremamente úteis para testar as
situações reais. Assim, através da análise dos romances de
Machado e de Jorge Amado procura determinar e definir as
imagens e realidades das brasileiras e as mudanças e con-
tinuidades que ocorreram na sua História nos séculos XIX
e XX.¹⁰

Nessa valorização da literatura, para compreensão e
análise dos papéis e comportamentos femininos, muitos são
os aspectos que moldam a imagem da mulher. Saber época e
local em que a obra foi escrita, assim como, fatos da vida
do autor, torna-se importante no uso dessa fonte históri-
ca.¹¹ A falta de uma oficialidade, de um registro, ou de
um carimbo cartorial na fala literária, leva-nos a preocu-
pações distintas para definir o que é vida imaginada e
realidade cotidiana.

À construção da imagem da mulher, segue-se outra de-
finição que enaltece ainda mais o uso da ficção. Compreen-
der o que o homem, através de sua própria bagagem cultu-
ral, observa e fala da mulher é, para Pescatello, outro
fundamental ponto em seu estudo.¹²

O escritor, ajustado em sua época, sempre incute em
suas "imagens" aspectos de sua própria experiência real.
Carregando idealismo ou idealismos, pessoais ou coletivos,
o texto espelha, de certo modo, a sociedade, proporcionan-
do ao historiador várias opções de análise.

Reflexo do contexto histórico, juntamente com o re-
conhecimento social da época, a obra literária transforma-
se em testemunho de espaço e tempo específicos, consti-
tuindo-se em documento de grande utilidade.¹³

Seguindo essa mesma trilha, Roberto Reis, em **Toda
História é Remorso**, busca os encontros e desencontros en-

tre Literatura e História.¹⁴ A análise é extremamente sugestiva no encadeamento de relações entre o homem e seu tempo, bem como no reflexo desse conjunto na produção literária. A partir de textos modernistas, o autor procura rastrear a ausência de história ou de historicidade. Em Drummond entende que o teor repetitivo "nos conduz a uma forma de vida tradicional, a um saber arcaico... Neste sentido, a história se ausenta, neutralizada, congelada em eternidade, tornada remorso...". Assim, a História, encarada como possibilidade de reconstrução do passado patriarcal brasileiro, é presença e conflito nos textos da intelectualidade de sua época.¹⁵

As diferenças entre Literatura e Historiografia são apontadas por Sevckenko. Para o autor, a primeira pode ser definida como "o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade".¹⁶ E, ainda sob a perspectiva de P. Clavel e J. Guerra, a literatura é a que, entre os sistemas de signos, constitui espaço ideal para aproximar realidade e homem.¹⁷

Produzindo uma "realidade estética", o texto literário não se afasta de forma objetiva do real, ou seja, não se exclui de "tudo aquilo que lhe é exterior, e que de certa forma o envolve...".¹⁸

Assim, percebemos, portanto, semelhanças e complementariedades entre História e Literatura, pregadas já há algum tempo pela "École des Annales".¹⁹

Esse veio foi explorado por M.T. de Freitas que chamou atenção para o reverso de nossa preocupação, ou seja, a utilização da pesquisa histórica pelo escritor. Transformando História em ficção, o próprio autor dá à obra literária fórum de fonte primária com valor para construção do discurso histórico.

Relacionando-se diferentemente com o exterior, História e Literatura assemelham-se na estrutura discursiva. Imagens distintas da realidade, complementam-se, ao mesmo

tempo que se interagem e se "emprestam", enquanto fontes, a seus respectivos construtores.

Na obra literária, o historiador tem possibilidade de se deparar com inúmeras questões, muitas vezes não mencionadas em outros documentos. Nesse terreno fictício, "tomam corpo, apesar dos romances e contos não terem como objetivo maior explicá-las".²⁰

Ao dar cunho histórico à literatura, envolvemo-nos em inúmeras tarefas. Como intérprete, à leitura das obras, seguimos com a classificação de seus temas, coletando, assim, informações sobre os problemas que nos preocupam.

Penetrar no texto literário, portanto, não é fácil para o historiador, que ao ocupar-se da realidade, depara-se com a possibilidade construída pelo escritor.²¹ Isto, sem dúvida, serve na justificação de sua timidez no uso desse tipo de fonte.

A obra de ficção, assim, tem seu uso na pesquisa histórica. T. Fiorentino aderindo à Sociologia da Literatura, lembra-nos que todo documento requer atenções especiais da parte de quem o interpreta, pois traz sempre embutido em seu conteúdo a visão pessoal do autor e da época em que viveu.²²

Voltando-nos à análise qualitativa da produção literária e partindo do pressuposto de que é possível descortinar realidades através dela, como bem mostra o ensaio de Pescatello, a obra de Visconde de Taunay,²³ **Manuscripto de uma mulher**, publicada em 1872, pode ser entendida, na definição do próprio autor, como um estudo de psicologia feminina, ao mesmo tempo que representa um retrato da vida fluminense, no final do século XIX. O romance de costumes cumpre, então, sua outra missão, transformado em documento histórico de seu tempo.

1. Ouvindo Vozes Femininas, Através da Fala Masculina

Capital do Império do Brasil, o Rio de Janeiro, no cenário urbano do século XIX, figurava como grande metrópole da época. Com população e arrecadação de renda numericamente superiores a todas as outras cidades do país, o município da Corte destacava-se como centro da vida política e da diplomacia nacionais.²⁴

Seu estilo de vida Ímpar alimentava-se das tendências européias, trazidas nos influxos portuários. Cidade marítima, não deixou de ser alvo dos viajantes que para cá se dirigiram nessa época. Como exemplo, podemos citar a descrição dos americanos Kidder e Fletcher que, em meados do século passado, abordaram o Rio de Janeiro como "a maior cidade da América do Sul, a terceira em tamanho do Continente Ocidental, a orgulhar-se de uma antigüidade maior que a de qualquer cidade dos Estados Unidos".²⁵

Nesse próspero ambiente carioca dos oitocentos, a mais alta camada da sociedade encontrava-se nos inúmeros bailes patrocinados pela Corte. Desfilando nos ricamente decorados salões, discutiam e travavam pactos políticos, mexericavam sobre a vida alheia e resolviam questões do amor. Ponto de encontro da elite, era no baile que as "meninas em idade de se casar" mostravam-se à sociedade, à procura de um pretendente.

É nesse ambiente festivo que Corina, personagem central do romance, recorda seus 18 anos, início de um amargurado destino de desencontros.

Achando-se "casada e irremediavelmente infeliz", conta suas desventuras. Jovem, atraente, inteligente, ativa, circulava pelos salões, participando e desafiando as conversas masculinas. Crítica em suas posições, diferenciava-se, então, de suas companheiras contemporâneas. Consciente de seu papel social, conflitava-se com as inúmeras possibilidades de vida distintas que gostaria de alcançar. Seria Corina uma típica representante das aspirações das mulheres de sua época?

Leituras recentes do papel da mulher na sociedade brasileira revelam que muitas vezes os quadros são contraditórios e os estereótipos irreais.²⁶ Além disso, mostram que, embora a sujeição feminina tenha sido mais profunda que a masculina, a subordinação da mulher ao homem não constituiu o único princípio estruturador da sociedade brasileira.²⁷

Na própria cidade carioca, cenário deste romance, vozes femininas precoces indicam que as mulheres, muitas vezes, romperam o estatuto de um comportamento passivo, imposto pela sociedade.²⁸

Além disso, novas pesquisas de historiadores, sociólogos e antropólogos mostram que a criatura passiva, protegida e isolada, sugerida pelos estereótipos da mulher latina não existia.²⁹

A partir disso, é importante questionar, em que medida a leitura de **Manuscrito de uma mulher**, contribui para retratar a realidade da vida das mulheres brasileiras, no século XIX.

Como uma das poucas opções das moças brancas da elite, sem dúvida, a união legal tinha função específica na sociedade brasileira do passado. No romance de Taunay, o casamento, com sentido e significados próprios da época, aparece como questão principal. O pai de Corina, dirigindo-se à sua filha, exalta: "Creio que não quererás ficar solteirona. Toda a moça deve casar-se; do contrário torna-se alheia ao movimento social e até à natureza, fica em posição difícil e, cousa pior ainda, assume fóros de uma situação ridícula".³⁰

Ao que tudo indica, o matrimônio adquire, no texto, duas perspectivas distintas: uma que chamaremos de **romântica** ou **idealizada**, figurada no sonho de se casar com Octávio Jurema, moço sem muitos recursos financeiros, homem que amava Corina e por quem ela também se apaixonou; e outra **concreta**, realizada no casamento contratado, a partir de interesses puramente econômicos.

Outra vez, a fala do pai de nossa personagem central, transmitindo uma opinião comumente oitocentista, afirma: "A vida, filha, é cousa muito positiva e não poderei sentir maior alegria, do que te vêr ao abrigo dos golpes da sorte e casada com quem tenha solidos bens de fortuna". E, mais adiante: "Nascestes rica; tens vivido como tal, sempre no meio do luxo e da abundância: deves achar quem te proporcione condições de existencia iguaes às de agora, senão mais brilhantes... Se os meus calculos não houvessem falhado, então adiaríamos essa necessidade de te casares, digo que adiaríamos, a espera de alguém que te agradasse sem outro predicado mais do que haver prendido os teus olhares...".³¹

O preconceito de status social, imperante na sociedade carioca da época, é bastante evidenciado nas situações vividas pelas personagens de Taunay. O que mais o caracteriza, é a frustrada união entre Octávio Jurema e Corina que, mesmo se amando, submeteram-se aos ditames sociais. Moça rica, de boa família, e moço de nível social inferior, que não podia dar-lhe o mesmo tipo de vida a que estava habituada, traduzia uma ligação que não condizia com o modelo genérico de casamento "entre iguais", bastante freqüente desde primórdios coloniais.

Corina, em sua infelicidade, encarna, portanto, o típico matrimônio do século XIX. Opção de uma certa parcela da população, representava a ligação de interesses, especialmente entre a elite branca. Feito por acordos familiares, onde o amor era simplesmente descartado, transformava-se em ato social de grande importância, sendo comuns as uniões de parentes afins, que tinham, como finalidade, preservar a fortuna, mantendo a linhagem e a pureza de sangue.³²

Dando voz à Corina, Taunay coloca-se contrário ao casamento, do modo como ocorria na época. Caracterizando-o como "ponto culminante da vida de uma mulher", ela exalta logo no início do romance: "Hoje que estou casada e irremediavelmente infeliz, escrevo estas páginas... Para mim não pode haver mais alegrias, esperanças, nem sonhos.

Uma só palavra resume a minha imensa desgraça — casada — casada com um ente que por acaso encontrei e com quem a sina me ligou; casada e não com o homem para quem Deus me havia destinado... Verdadeiro joguete da sorte, fui vítima de combinações superiores às minhas forças".³³

Causador de grandes males à mulher, o casamento reaparece, inúmeras vezes, no decorrer da estória. A própria mãe de Corina, aconselha sua filha, afirmando: "Olhe uma cousa, não se case nunca. É conselho que lhe dou. O melhor dos homens não vale a nossa independência".³⁴

Nesse sentido, são várias as opiniões de homens e mulheres, sobre o matrimônio. Diferindo na essência, levam-nos a compor distintas situações. Uma delas seria a de vislumbrar a superioridade masculina. Já que a mulher não era considerada nas "transações matrimoniais".

A insatisfação da mulher face à essas uniões impostas era freqüente. Muitas foram as que, inconformadas com as conflitantes situações conjugais, pediram divórcio.³⁵ Conseqüentemente, isso nos leva a pensar nas variações dos papéis masculino e feminino, que chegaram a alterar o esquema tradicional concebido para ambos os sexos.

Retrato de costumes, o romance não deixa de espelhar a sociedade. O conflito entre homem e mulher, seus direitos e deveres, ganha corpo no desenvolver do relacionamento dos personagens.

O homem, ser superior por excelência, possuía uma ampla gama de oportunidades e direitos sociais. Sempre senhor das iniciativas, trazia em si os controles do sexo oposto.

Iniciativa, poder, domínio, inteligência, fluência, racionalidade eram características destinadas ao sexo masculino. O feminino moldava-se pela delicadeza, submissão, sentimentalismo exacerbado, limitação intelectual e vocação aos papéis de mãe e esposa, tão criticados por Corina, no decorrer do romance.

A mulher, nesse contexto, vivia, portanto, à espera dos comandos do homem. As relações sociais, em todas suas

instâncias, eram, assim, controladas pelo chamado "sexo forte".

A superioridade e o domínio do homem são ressaltados, também, na personagem de Amilar, apaixonado pretendente de Corina. Suas atitudes e comportamentos, inconvenientes aos olhos de sua amada, demonstram a regra geral dos homens de então.

Na visão de Corina, ambos os sexos travavam, entre si, inúmeras batalhas na luta pela sobrevivência social e sexual. Era exatamente isso, que uma moça, recém-lançada às tramas da sociedade, teria que enfrentar. Após um desses "combates", Corina, referindo-se a Amilar, exalta: "Para quem se iniciava na luta do mundo, não era mão começo bater tão decisivamente um dos mais temidos lidadores d'aqueles torneios;...".³⁶

Mulher, possuidora de papéis claramente definidos e subordinados aos masculinos, poucas brechas tinha no intrincado círculo social da sobrevivência. As que se aventuravam na execução de uma atividade econômica "fora do lar", "manchavam-se" no estigma da não feminilidade e da pobreza.

Totalmente envolvidos por estereótipos típicos de uma sociedade machista, as representantes do chamado "sexo frágil" eram responsáveis por essa falta de oportunidades sociais. Corina, sabendo que sua amiga Cecília, moça sem muitos recursos e professora de piano, trabalha para se sustentar e fingindo não a conhecer, retrata bem essa situação de cumplicidade feminina: "— Cecília Ramos, amiga minha? exclamei. É falso, mal a conheço. — Oh! então ela mente. — Com certeza... o que é próprio de quem é feia. Estive, é certo no mesmo collegio que ella; nada, porém, a autorisa a dizer mais do que isso."³⁷

Podemos ver, portanto, que as relações entre as mulheres eram, marcadas pela vigilância e punição. Desvios de papéis e comportamentos eram considerados impróprios. Essa aceitação em nada contribuía para modificar sua situação de inferioridade.

É surpreendente, no entanto, que o romance, a personagem principal, Corina, fazia-se notar por outros atributos que não aqueles específicos de mãe e esposa. Nos bailes, centro das atenções, por sua beleza e vivacidade, em casa, espiando os maus hábitos do pai, ou mesmo confessando-se apaixonada à pessoa amada, ela apresentava comportamentos completamente desviantes dos esperados para uma donzela, que vivia nas décadas dos oitocentos.

Mesmo possuindo atitudes ímpares ao seu sexo, não foge à imagem a ela talhada pela sociedade. É apenas nas conversas femininas que Taunay dá espaço para aflorarem os sonhos das mulheres, sem restrições. Nesses devaneios, dão asas às suas emoções. É exatamente isso que faz Julia ao aconselhar sua amiga Corina: "... se você tem inclinação por alguém, de modo algum consinta no seu sacrifício... não se deixe levar... nem pelo juízo dos outros, nem pela fascinação do momento ou por idéias de sã razão... O coração é um órgão que sabe vingar-se cruelmente de quem o contraria... Não ha Apollos, nem Adonis, cobertos de ouro, que valham aquelle que elle escolheu...".³⁸ Já vimos que, na realidade, isso pouco se concretizava.

Dobrando-se aos caprichos de uma situação deficitária e de uma estrutura social que impediu a união entre Corina e Octávio Jurema, ela abdica ao destino natural de seu coração. Casa-se por conveniência com o filho de um rico fazendeiro do interior paulista. Solução infeliz, mas comum aos ditames da época. O ideal de passividade reina novamente e o estereótipo da mulher, nesse sentido, volta a ser hasteado.

Acusadas de caprichosas e de pouco confiáveis, as mulheres eram totalmente racionais na resolução de muitos problemas. Corina, apesar de pouco experiente, era extremamente forte e consciente ao encarar as terríveis cenas de bebedeira e jogatina que seu pai, conceituado advogado, travava freqüentemente.

O ouvir das vozes masculinas, nas falas femininas, leva-nos à pluralidade de imagens. De mulheres conscientes, ativas e inteligentes, entregavam-se às normas so-

ciais, aceitando os papéis de passividade e submissão, que lhe eram reservados.

Assim, podemos indagar: o que levou Taunay a criar Corina, como mulher fora dos modelos femininos observáveis para a sociedade de seu tempo? Talvez, mostrar a difícil conciliação entre amor e casamento, ou entre vida planejada com sentimento e frustrada realidade cotidiana? Criticar a instituição do casamento tal como era no século XIX? Desmascarar os acordos tramados pela burguesia carioca? Descortinar as divisões de papéis e as difíceis relações entre os sexos? Espelhar a posição da mulher brasileira?

Qualquer que tenha sido sua razão básica, o mais importante é que Taunay procurou construir uma imagem diferente da mulher que, talvez já despontasse como realidade, no final dos oitocentos, mas ainda abafada pela sociedade conservadora, misógina e machista da época. Será que essa contradição existe pelo fato de Taunay emprestar sua voz a Corina?

Pensando no texto literário como retrato de sua época, esse viés torna-se concreto. Assim, a literatura utilizada pelo historiador é fonte fidedigna do processo de busca das várias possibilidades do real, como também do mundo das mulheres, seus espaços e papéis.

Nesse sentido, através da questão do casamento, **Manuscripto de uma Mulher**, produzido por Taunay na segunda metade do século XIX, constitui-se num bom exemplo desse intercâmbio empírico, entre Literatura e História.

Referências Bibliográficas

a) Fonte Impressa

TAUNAY, Visconde de. **Manuscripto de uma mulher**. São Paulo: Ed. Comp. Melhoramentos, 1872.

b) Notas

- ¹ A esse respeito ver Maria Odila Leite da Silva DIAS. **Quotidiano e poder em São Paulo, século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Michelle PERROT. "Práticas da memória feminina". In: BRESCIANNI, Stella (org.). **Revista Brasileira de História - A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. pp.09-18.
- ² BORUSZENKO, Oksana. "A imigrante ucraniana em prosa e verso". In: **História: Questões e Debates**. Curitiba: APAH, dez. 1988. pp.360-365, p.361.
- ³ São poucos os trabalhos nesse sentido. Entre eles podemos citar: ABELLA, Encarna. "Estructura novelística y evolución cronológica del proceso de liberación de la mujer y la sociedad en Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado". **Paper, XVI International Congress/LASA'91**. Washington, April 4-6, 1991 (mimeo); BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. **Mulher de ontem? Rio de Janeiro - século XIX**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988; BERRINI, Beatriz. "Presença feminina em Eça de Queirós". **Boletim Bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura/Departamento de Bibliotecas Públicas. v. 43, n. 3/4, jul./dez. 1982. pp.81-86; BORUSZENKO, Oksana. "A imigrante ucraniana em prosa e verso". Op. cit.; CLAVEL, Patricia Arancibia y LOPEZ, Josefina Guerra. "La novela como fuente historiográfica - un estudio de caso: la educación rural a través de la novelística chilena". **V Congreso Latinoamericano de História**. São Paulo, 1990. (mimeo.); ENGEL, Magali G. "Imagens femininas em romances naturalistas brasileiros (1881-1903)". In: BRESCIANNI, Stella (org.). **Revista Brasileira de História - A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. pp.237-258; FIORENTINO, Teresinha Aparecida del. "Literatura e História". **Anais da I Reunião da SBPH**. São Paulo, 1982. pp.79-88; FLORA, Cornelia Butler. "The passive female and social change: a cross-cultural comparison of women's magazine fiction". In: PESCATELLO, Ann (ed.). **Female and male in Latin America . (essays)**. s/l.: University of Pittsburg Press, 1973. pp.59-85; FREITAS, Maria Teresa de. "Malraux, La condition humaine e a ficção histórica. Reflexões sobre as relações entre História e Literatura". **Revista de História**. São Paulo: USP, jan./jun. 1985. n. 118, pp.171-192; GANDUGLIA, Silvia. "La representación de la Historia en la novela de Peron". In: **Journal of Hispanic and Lusophone Discourse Analysis - Ideologies & Literature**, v. 4, n. 1, Spring 1989. pp. 271-298; LEITE, Miriam Moreira (org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1984. (Col. Estudos Históricos); LEITE, Miriam Moreira. "Mulheres e famílias". In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). **Revista Brasileira de História - Família e Grupos de Convívio**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 17, set./fev. 1989. pp.143-178; LIMA, Oliveira. "A evolução da Literatura Brasileira". **Revista de Por-**

tugal. Porto, v. I, 1889. pp. 643-667; MARQUES, Luiz. "La donna di Garbo". Pintoras e mulheres de letras entre os séculos XVIII e XIX. In: BRESCIANNI, Stella (org.). **Revista Brasileira de História - A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. pp.67-82; NEVES, Margarida de Souza. "O bordado de um tempo". **Revista Tempo Brasileiro**. n. 81, abril/junho, 1985. pp.32-43; PESCATELLO, Ann. "The Brazileira: images and realities in writing of Machado de Assis e Jorge Amado". In: PESCATELLO, Ann (ed.). **Female and male in Latin America . (essays)**. s/l.: University of Pittsburg Press, 1973. pp.29-58; RAQUETTE, Jane S. "Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America". In: PESCATELLO, Ann (ed.). **Female and male in Latin America - (essays)**. s/l.: University of Pittsburg Press, 1973. pp.3-28; REIS, Roberto. "Hei de convencer - Autoritarismo no discurso colonial brasileiro". In: SPADACEINI, Nicholas and JANA, René. **Hispanic Issues - "Amerindian Images"**. s/l.: University of Minnesota Press, v. IX, s/d. (mimeo.); REIS, Roberto. "Toda História é remorso". In: **Journal of Hispanic and Lusophone Discourse Analysis - Ideologies & Literature**. v. 4, n. 1, Spring 1989. pp.149-166; REIS, Roberto. **A permanência do círculo. Hierarquia no romance brasileiro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense/Instituto Nacional do Livro, 1987; SCHIL, Mary Huseby. "Pais e filhos nos romances de Machado de Assis". **Luso Brazilian Review**. XXV, 2. By the Board of Regents. University of Wisconsin System, 1988; SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 1985; SOARES, Pedro Maria. "Feminismo no Rio Grande do Sul. Primeiros apontamentos (1835-1945)". In: BRUSCHINI, Maria Cristina e ROSEMBERG, Fúlvia. **Vivência - história, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo: Brasiliense, Fundação Carlos Chagas, 1980. pp.121-150.

⁴ Nesse sentido, Oksana Boruszenko afirma que no universo temático do literato, a mulher possui espaço privilegiado. BORUSZENKO, Oksana. Op. cit., p.361.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como missão**. Op. cit., p.20.

⁶ CLAVEL, Patricia Arancibia y LOPES, Josefina Guerra. Op. cit.

⁷ BORUSZENKO, Oksana. Op. cit., p.361.

⁸ Idem.

⁹ PESCATELLO, Ann (ed.).

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem, p.30.

¹² Ibidem, p.31.

- 13 CLAVEL, Patricia Arancibia y LOPEZ, Josefina Guerra. Op. cit.
- 14 REIS, Roberto. Op. cit.
- 15 Idem, p.
- 16 SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p.20.
- 17 CLAVEL, Patricia Arancibia y LOPEZ, Josefina Guerra. Op. cit.
- 18 FREITAS, Maria Teresa de. Op. cit., p.173.
- 19 Idem, p.172.
- 20 FIORENTINO, Teresinha. Op. cit., p.85.
- 21 SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p.21.
- 22 FIORENTINO, Teresinha. Op. cit., p.79.
- 23 Alfredo d'Escragno Taunay nasceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843 e faleceu, na mesma cidade, a 25 de janeiro de 1899. Bacharelado em Letras pelo Colégio Pedro II, em 1848, formou-se em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar. Após a Guerra do Paraguai, dedicou-se ao Magistério e à política, exercendo os cargos de deputado e senador pelo partido conservador, assim como presidente das províncias de Santa Catarina e Paraná. Pertencente ao Romantismo (século XVIII - primeira metade do XIX), especificamente à sua última fase, segundo Massaud Moisés, em que já se presencia a gestão do Realismo, deixou inúmeras obras escritas, dentre as quais, podemos citar: **La Retraite de Laguna** (1871); **A Mocidade de Trajano** (1871); **Inocência** (1892); **Lágrimas do Coração/Manuscripto de uma Mulher** (1889); **O Encilhamento** (1894). Apud.: MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 13.ed., São Paulo: Cultrix, 1987. p.194.
- 24 De acordo com o Censo de 1872, o Rio de Janeiro possuía 274.972 habitantes em contraste com Salvador 129.109; Recife 116.671 e São Paulo com 31.385 moradores. A arrecadação geral da renda carioca girava em torno dos 71.856:826\$, no período de 1879-1880; 77.853:875\$, entre 1880-1881 e 78.549.491\$, em 1881-1882. Apud: BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. Op. cit., p.13.
- 25 KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C. **O Brasil e os brasileiros**. São Paulo: Nacional, 1941. p.11.
- 26 SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família - São Paulo, século XIX**. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- 27 SAFIOTTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1988..

- 28 BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. Op. cit.
- 29 METCALF, Alida. "Mulheres e propriedades: filhas, esposas e viúvas em Santana de Parnaíba no século XVIII". Revista da SBPH. São Paulo, n. 5, 1989/90.
- 30 TAUNAY, Visconde de. Op. cit., p.142.
- 31 Idem, pp.141 e 142.
- 32 SAMARA, Eni de Mesquita. A família brasileira. 3.ed., São Paulo: Brasiliense, 1986. pp.67-81.
- 33 TAUNAY, Visconde de. Op. cit., p.7.
- 34 Idem, p.47.
- 35 SAMARA, Eni de Mesquita. A família brasileira. Op. cit., pp.42 e 44.
- 36 TAUNAY, Visconde de. Op. cit., p.36.
- 37 Idem, p.61.
- 38 Ibidem, p.108.

c) Bibliografia

- ABELLA, Encarna. "Estructura novelística y evolución cronológica del proceso de liberación de la mujer y la sociedad en Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado". Paper, XVI Internacional Congress/LASA'91. Washington, April 4-6, 1991 (mimeo).
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. Mulher de ontem? Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.
- BERRINI, Beatriz. "Presença feminina em Eça de Queirós". Boletim Bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Municipal de Cultura / Departamento de Bibliotecas Públicas. v. 43, n. 3/4, jul./dez. 1982. pp.81-86.
- BORUSZENKO, Oksana. "A imigrante ucraniana em prosa e verso". In: História: Questões e Debates. Curitiba: APAH, dez. 1988. pp.360-365.
- CLAVEL, Patricia Arancibia y LOPEZ, Josefina Guerra. "La novela como fuente historiográfica - un estudio de caso: la educación rural a través de la novelística chilena". V Congreso Latinoamericano de História. São Paulo, 1990. (mimeo.).

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo, século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ENGEL, Magali G. "Imagens femininas em romances naturalistas brasileiros (1881-1903)". In: BRESCIANNI, Stella (org.). **Revista Brasileira de História - A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. pp.237-258.
- FIORENTINO, Teresinha Aparecida del. "Literatura e História". **Anais da I Reunião da SBPH**. São Paulo, 1982. pp.79-88.
- FLORA, Cornelia Butler. "The passive female and social change: a cross-cultural comparason of women's magazine fiction. In: PESCATELLO, Ann (ed.). **Female and male in Latin America . (essays)**. s/l.: University of Pittsburg Press, 1973. pp.59-85.
- FREITAS, Maria Teresa de. "Malraux, La condition humaine e a ficção histórica. Reflexões sobre as relações entre História e Literatura. **Revista de História**. São Paulo: USP, jan./jun. 1985. n. 118, pp.171-192.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 9.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. 2 vols.
- GANDUGLIA, Silvia. "La representacion de la Historia en la novela de Peron. In: **Journal of Hispanic and Lusophone Discourse Analysis - Ideologies & Literature**. v. 4, n. 1, Spring 1989. pp.271-298.
- JOURNAL of Hispanic and Lusophone Discourse Analysis - Ideologies & Literature**. Minneapolis: The Prisma Institute, v. 4, n. 1, Spring 1989.
- KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C. **O Brasil e os brasileiros**. São Paulo: Nacional, 1941. p.11.
- LEITE, Miriam Moreira (org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1984 (Col. Estudos Históricos).
- LEITE, Miriam Moreira. "Mulheres e famílias". In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). **Revista Brasileira de História - Família e Grupos de Convívio**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 17, set./fev. 1989. pp.143-178.
- LIMA, Oliveira. "A evolução da Literatura Brasileira". **Revista de Portugal**. Porto, v. I, 1889. pp.643-667.
- MARQUES, Luiz. "La donna di Garbo". Pintoras e mulheres de letras entre os séculos XVIII e XIX. In: BRESCIANNI, Stella (org.). **Revista Brasileira de História - A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. pp.67-82.

- METCALF, Alida. "Mulheres e propriedades: filhas, esposas e viúvas em Santana de Parnaíba no século XVIII". **Revista da SBPH**. São Paulo, n. 5, 1989/90.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 13.ed., São Paulo: Cultrix, 1987.
- NEVES, Margarida de Souza. "O bordado de um tempo". **Revista Tempo Brasileiro**, n. 81, abril/junho, 1985. pp.32-43.
- PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina". In: BRESCIANNI, Stella (org.). **Revista Brasileira de História - A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. pp.09-18.
- PESCATELLO, Ann. "The Brazileira: images and realities in writing of Machado de Assis e Jorge Amado". In: PESCATELLO, Ann (ed.). **Female and male in Latin America - (essays)**. s/l.: University of Pittsburg Press, 1973. pp.29-58.
- RAQUETTE, Jane S. "Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America". In: PESCATELLO, Ann (ed.). **Female and male in Latin America . (essays)**. s/l.: University of Pittsburg Press, 1973. pp.3-28.
- REIS, Roberto. "Hei de convencer - Autoritarismo no discurso colonial brasileiro". In: SPADACEINI, Nicholas and JANA, René. **Hispanic Issues - "Amerindian Images"**. s/l.: University of Minnesota Press, v. IX, s/d. (mimeo).
- REIS, Roberto. "Toda História é remorso". In: **Journal of Hispanic and Lusophone Discourse Analysis - Ideologies & Literature**. v. 4, n. 1, Spring 1989. pp.149-166.
- REIS, Roberto. **A permanência do círculo, Hierarquia no romance brasileiro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense/Instituto Nacional do Livro, 1987.
- SAFIOTTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAMARA, Eni de Mesquita. "A História da Família no Brasil". **Revista Brasileira de História - Família e Grupos de Convívio**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, v. 9, n. 17, set./88, fev/89. pp.7-35.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família - São Paulo, século XIX**. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SCHIL, Mary Huseby. "Pais e filhos nos romances de Machado de Assis". **Luso Brazilian Review**. XXV, 2. By the Board of Regents. University of Wisconsin System, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, Pedro Maria. "Feminismo no Rio Grande do Sul. Primeiros apontamentos (1835-1945)". In: BRUSCHINI, Maria Cristina e ROSEMBERG, Fúlvia. **Vivência - história, sexualidade e imagens femininas.** São Paulo: Brasiliense, Fundação Carlos Chagas, 1980. pp.121-150.

